

ENTREVISTAS PRIMORDIAIS:

RUBÉN CAMILO LOIS GONZÁLES

Adão Francisco de Oliveira

Universidade Federal do Tocantins (UFT)
adaofrancisco@gmail.com

Ana Carolina de Oliveira Marques

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
carol.geografia@hotmail.com

Apresentação

Ribadeo, região da Galícia, na Espanha, 14 de julho de 2022. Manhã quente no noroeste do país, nesta cidade litorânea do século XI forjada no Golfo da Biscaia e que conta hoje com menos de 10 mil habitantes. Com estrutura medieval, tradições milenares, o planejamento urbano vigoroso e em meio a um festival de tradições celtas, essa foi a cidade escolhida por Rubén Camilo Lois Gonzáles para que nos encontrássemos para esta entrevista.

Conhecedor dos quatro cantos do mundo e de sua Geografia, Rubén Gonzáles é hoje, sem sombra de dúvida, um dos geógrafos mais influentes do mundo, principalmente por sua atuação política visando organizar os geógrafos e a Geografia em torno da UGI – a União Geográfica Internacional.

Tendo sido eleito pela segunda vez consecutiva como vice-presidente desta associação em julho passado, no Encontro de 100 Anos da UGI, que ocorreu em Paris, França, Rubén Gonzáles mostrou toda a sua habilidade no diálogo com uma Geografia mundial diversa, marcada pela profunda alteridade. Ele foi fundamental na mobilização de pesquisadores de diversos países e de representantes de associações nacionais da área a participarem do evento em Paris e a manifestarem o apoio à sua candidatura.

O seu olhar de encantamento pela Geografia produzida no Brasil é incontido. Em todas as conversas que fizemos com Rubén via Google Meet – buscando uma maior organicidade da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ANPEGE) na UGI e em articulações internacionais – e, especialmente, quando ele nos recebeu em Ribadeo, para esta entrevista, ele sempre fez questão de destacar isso. Em sua visão, a Geografia brasileira é uma das maiores do mundo não só em volume de geógrafos e de produção (acadêmica, científica, bibliográfica e técnica) na área, mas também de construção teórico-conceitual.

Ruben sabe o que está dizendo. A sua relação com a Geografia de vários países não é algo pontual e efêmero, construído pela participação num evento específico e por trocas de correspondências com profissionais desses lugares. É uma relação engajada, que o leva a visitas constantes, movido por projetos científicos que o posicionam ora em missões científicas, ora como professor visitante. Mas em todas elas um sujeito curioso entra em ação, seja como um articulador político desta área de conhecimento, seja como um epistemólogo que deseja produzir um mapa da produção deste conhecimento pelo mundo.

Sobre o Brasil ele é enfático: há um conhecimento vastíssimo produzido, porém pouco conhecido do mundo! Para Rubén, os geógrafos brasileiros e as revistas científicas da área deveriam publicar mais em língua inglesa, fundamentalmente. Isso porque ele compreende que esta é a língua que melhor comunica no mundo inteiro, o que facilitaria o reconhecimento de tão importantes teses que têm sido produzidas aqui no país. Ele destaca especialmente a importância da Geografia Crítica que se erige ao mundo a partir desta imensa porção da América do Sul. Ela é, segundo ele, uma das mais afirmativas

e lúcidas que se tem produzido na atualidade. Numa perspectiva comparada, Rubén destaca a Índia e o México como grandes produtores do conhecimento geográfico também. Porém, com enfoques e sentidos distintos do que se faz aqui, em que pese haver algo de grande identidade no que diz respeito às realidades socioespaciais.

Na tentativa de compreender o significado da Geografia brasileira no contexto mundial pelo olhar de um cientista estrangeiro atento, curioso e de habilidosa articulação, fizemos essa entrevista e esperamos que ela sirva para nos apresentar elementos para a crítica, a autocrítica e a afirmação em nossa área.

Boa leitura!

Entrevista com Rubén

Ana Carolina. Estamos aqui em Ribadeo, no litoral norte da Espanha, eu e o Professor Adão Francisco de Oliveira, representando a Associação Nacional de Pós-Graduação em Pesquisa em Geografia (ANPEGE). Estamos com o Professor Ruben Camilo Lois Gonzales, vice-presidente da União Geográfica Internacional (UGI). Bom, primeiro gostaríamos de agradecer o professor Ruben pela disponibilidade e disposição de sair de sua cidade, Santiago de Compostela, e vir nos encontrar hoje, 14 de julho de 2022, em Ribadeo. Então, em nome da ANPEGE queríamos agradecê-lo imensamente pela disposição e gentileza.

Queremos conversar um pouco com você acerca de várias questões pertinentes à Geografia, da Espanha e do mundo. Mas, antes gostaríamos de conhecer um pouco de sua biografia e alguns marcos importantes da sua relação com a Geografia.

Rubén Gonzáles. Eu sempre comento a mesma coisa em relação à minha história com a Geografia. Desde criança sempre quis ser geógrafo, sempre gostei da Geografia. Então, o interesse pela Geografia surgiu como algo vocacional em mim. Sempre tive interesse pelos acontecimentos mundiais que requerem a atenção geográfica. Desde os dezesseis anos andava com o livro de Geografia em mãos e gostava de Geografia. Meu pai era advogado e preferia que eu fizesse Direito, mas eu definitivamente quis Geografia e fui por esta direção.

Nasci no interior da Galícia e muito cedo, na fase secundária dos meus estudos, por volta dos catorze anos, fui para a Cidade de Santiago de Compostela, na Galicia, onde existe uma universidade, a Universidade de Compostela, muito tradicional e eu pude estudar ali a Geografia. Por consequência, tive uma trajetória na Geografia muito vinculada a essa Universidade. Trabalhei algum tempo no Liceu como professor secundário, mas logo ingressei na Universidade de Santiago de Compostela, na qual ainda permaneço.

Eu penso que todo geógrafo tem que formar-se no exterior. Na Escola de Santiago de Compostela, como em toda a escola de geografia espanhola, há muita influência da geografia francesa. Com efeito, desde o ano de 1990 comecei a participar detidamente de congressos em universidades francesas. Tenho uma formação originária na França, contudo no que chamamos a França do Oeste, através de contatos com uma rede de geografia social nas universidades de du Maine, Caen e Gier. Além disso, tive a sorte de participar como professor convidado na Universidades du Maine, Caen e especialmente em Toulouse-Le Mirail, onde estive por duas vezes trabalhando como professor convidado. E no próximo ano irei à Paris 8. Então tenho muita vinculação com a Geografia francesa. Não só a Geografia, também considero muito interessante a sociologia e a filosofia. O pensamento francês é muito forte. Logo, isso é muito relevante para a Geografia atual.

O meu campo fundamental de atuação e original na formação é a Geografia Urbana. Tenho algum livro, alguma monografia sobre Geografia Urbana e um dicionário em espanhol sobre urbanismo. Basicamente trabalhei em minha trajetória acadêmica com temas relacionados à Geografia Urbana. Nos últimos tempos dediquei um pouco ao campo da teoria geográfica e à Geografia cultural.

A partir da Geografia francesa me surgiu logo outras duas possibilidades no final do século passado. A primeira foi por certa casualidade através de um contato com pesquisadores noruegueses. Temos muita relação com a Universidade de Bergen, na Noruega. Atuei também como professor convidado na Universidade de Bergen e conheço muito bem a Noruega. É um país muito caro, muito frio, mas tem uma boa academia e possui muito dinheiro para financiar projetos de pesquisas acadêmicos. Então, essa experiência me obrigou a dedicar-me a uma coisa que não entendia muito até então, que era falar em inglês e ler muita bibliografia em inglês. Através dos noruegueses pouco a pouco eu fui adentrando no mundo anglófono, inicialmente não na Inglaterra e Irlanda, mas fui me adentrando desde o norte. Tenho muito carinho pela Geografia nórdica. Muito da Geografia nórdica tem do melhor que se faz no mundo. Eles fazem muita inovação social, elaboram muitos critérios de sustentabilidade sob o ponto de vista geográfico. Eles também conseguiram que muitos professores norte americanos e britânicos migrassem e passassem a contribuir com a produção da Geografia nórdica.

Pouco a pouco fui descobrindo também a América Latina. A América Latina para mim, neste sentido do que conheci e pesquisei, é noventa ou noventa por cento como sendo Brasil. Isso porque muitos brasileiros vieram fazer doutorado aqui; também mexicanos, mas sobretudo brasileiros e brasileiros da Bahia. Comecei a descobrir o Brasil e toda a América do Sul a partir da Bahia.

Temos também um bom contato com o Equador. Sobretudo no contexto do governo do presidente Rafael Correa (2007-2017), momento em que houve a possibilidade de muitos estudantes virem fazer suas teses de doutorado aqui sob minha orientação. Eu orientei várias teses de equatorianos, mas certamente orientei mais teses e também muito mais pós-doutorados de brasileiros. Sou um geógrafo muito europeu, com uma formação aqui, mas gosto muito da Geografia brasileira.

Lentamente fui ingressando na América Latina e também na África. Eu tenho bastante experiência em África. Mais recente, basicamente porque a universidade espanhola, o governo espanhol dá muito dinheiro para pesquisas em África. Há nesta experiência projetos de cooperação interuniversitárias com

países como Cabo Verde, Mali e Senegal. Temos muitos alunos de Mali. Há doutorandos africanos muito bons. Também temos sociólogos que antropólogos que também fazem doutorado conosco.

Então basicamente é isso, minha formação conta com a Geografia francesa e a Geografia anglófona. Mas, a Europa é pequena e temos muita conexão também com a Itália; alguma conexão com a Alemanha. Vamos aos poucos movendo-nos em distintas direções e parcerias.

Iniciei minha carreira como professor contratado, professor titular e professor catedrático. Sou um catedrático há 15 anos. Temos um grupo de Geografia na Universidade de Santiago de Compostela muito bom. É um departamento forte. Nós somos da universidade espanhola, mas também falamos galego, e o galego é muito próximo do português. Então temos a nosso favor a possibilidade de falarmos nas duas línguas que também estão presentes na América Latina, o espanhol e o português. Em Portugal temos parcerias com os colegas da Universidade do Porto, que também são amigos, são próximos e temos um bom diálogo com eles. Existe uma escola de Geografia muito forte na Universidade do Porto, com nomes como José Alberto Rio Fernandes e Teresa Sá Marques. Dialogamos com eles com certa frequência.

Ana Carolina. Acredito que iniciamos a segunda temática que queríamos explorar nesta conversa, dada a sua vasta experiência com a Geografia de inúmeros países. Queríamos que você traçasse um desenho da Geografia Mundial. Como você a vê hoje, que influências você destacaria? Já falou um pouco da Geografia nórdica e o foco na gestão ecológica. Mas, além dela, como você interpreta hoje um possível desenho da Geografia Mundial?

Rubén Gonzáles. Eu acredito que a Geografia é cada vez mais importante desde o ponto de vista teórico, muito importante diante deste trânsito do pensamento europeu da modernidade aos pós-modernos. Os pós-estruturalistas como Gilles Deleuze, Michel Foucault e Lefebvre reforçaram o papel do espaço. Logo o discurso espacial tornou-se muito mais importante. Então desde o ponto de vista teórico a Geografia nestes momentos tornou-se uma disciplina central. Há um geógrafo italiano que diz que a Geografia é a filosofia, está antes da filosofia. Quando começaram a fazer mapas para entender o mundo falaram também da razão cartográfica. Não é uma casualidade que Immanuel Kant, que esse filósofo foi professor de Geografia. A Geografia lhe permitia fazer filosofia. Isso é interessantíssimo. Ou então, destaca-se Alexander von Humboldt, quando fala do Cosmos descobrimos que também faz parte de um pensamento ilustrado praticado por um geógrafo. Então, a Geografia é cada vez mais importante no plano teórico, mas nós temos um problema, que é o segundo debate teórico, que é o fato de abarcarmos tudo. É um problema nas disciplinas holísticas, pretendemos falar de tudo. Podemos fazer pesquisas sobre mudanças climáticas, podemos fazer geologia, falar da religião e fazer geopolítica. Muito complicado uma disciplina tão enciclopédia em um momento atual. Então no fundo somos como a filosofia, abarcamos tudo. Então temos um problema tanto de situação como de presença. Temos muitos pontos de contatos com outras disciplinas e as vezes não conseguimos chegar a todos os lugares. Por exemplo, trabalho muito com Geografia Urbana e tenho diálogos com os arquitetos, mas os arquitetos dedicam só a isso e os geógrafos são muito mais dispersos. Os meus colegas estão trabalhando com geologia e

geomorfologia e trabalham com gente que sabe fazer análises pedológicas perfeitas. Então isso é um problema da Geografia. O espaço é fundamental. Temos o reforço da análise espacial e territorial que é fundamental. Nós somos os que podem interpretar melhor o mundo contemporâneo. Também penso que devemos situar-nos, temos muitos problemas para situar-nos. Eu penso que a geografia tem um debate teórico como ciência social, somos uma ciência social crítica. Ao mesmo tempo, temos que ter sempre uma perspectiva de ciência da terra. Então somos ciência social como sociólogos, como economistas críticos. Mas ao mesmo tempo temos uma questão de ciência da terra que é ciência experimental. Se combinarmos isso nos colocaremos bem no mundo do conhecimento. Mas, podemos ter problemas, pois somos muito dispersos, temos muitos problemas para ser localizados.

Por exemplo, na Universidade de Santiago de Compostela, recentemente nós ganhamos duas vagas muito boas em nosso departamento de Geografia. Para uma das vagas tomou posse um cartógrafo que só faz mapas. É crítico, mas só faz mapas. Outro dedica-se ao mercado imobiliário, é da Geografia urbana e pesquisa os investimentos dos fundos de capitais nas cidades. São duas vagas que nada tem a ver uma com a outra. Agora estamos pedindo uma nova vaga muito boa que é um geólogo. E fica muito complicado inseri-lo em um lugar ou outro, pois são formações muito distintas. Esse é o problema que temos.

A nível mundial a Geografia está bem posicionada. Provavelmente tem aí diferenças, a Geografia tem um pouco mais de visibilidade na Europa ocidental. No nível do ensino básico não tem tanto espaço, mas especialmente em nível de pós-graduação é forte. Muitos jovens fazem arquitetura, turismo, mas não a geografia. É muito importante, por exemplo, na Europa oriental, é muito forte na Polónia, Romênia, Eslovênia e Croácia, onde há as faculdades de geografia com muitos estudantes. Na Europa oriental tem muitos centros importantes de geografia. Há também os geógrafos nórdicos envolvidos com estudos socioterritoriais. Focaram nisto e a geografia ganhou espaço no turismo, no planejamento territorial.

A Geografia é muito importante também no Brasil. Na América Latina percebemos que é cada vez mais forte. É muito importante na Índia e em países que possuem recursos para lidar com problemas ambientais. Logo, em outros lugares possuem menos importância, mas está bem situada no marco acadêmico. Nos Estados Unidos está nas universidades; no Reino Unido é mais teórica, mas a Geografia física é expressiva. Então, eu acredito que a Geografia está bem situada. Nos países mais do sul há cada vez mais universidades que possuem geógrafos. Pode ser com concursos de Geografia, mas também com foco em desenvolvimento local, em turismo e em meio ambiente. Há muitos caminhos para se ter a presença de geógrafos nas universidades.

Destaco um conceito que para mim é muito importante e que unifica a Geografia. Me refiro ao que denominam antropoceno. Desde o momento que se considera que a principal era geológica é a que resultada das ações humanas na natureza, isso permite reunificar a geografia física com a humana. Estamos diante de formas como se trabalham com pesquisas em espaços urbanos sobre os esgotos, os problemas dos resíduos e os riscos nas cidades. Essas temas demandam interpretações geográficas a partir de elementos físicos e humanos. Então a geografia se unifica de modo natural a partir do conceito de antropoceno.

Ana Carolina. Você pensa que nesta atual conjuntura, da configuração da Geografia mundial, existem

lideranças e influências importantes, ou está bastante pulverizado?

Adão Francisco. Aproveitando a pergunta sinalizada pela Profa. Ana Carolina, qual geógrafo brasileiro ou o que da Geografia brasileira te chama a atenção?

Rubén Gonzáles. São perguntas muito complicadas. Eu gosto muito da geografia brasileira e para mim o Rogério Haesbaert, da Universidade Federal Fluminense (UFF), é dos que no âmbito da Geografia humana pode ser considerado um dos mais influentes. Também conheço e para mim é algo subjetivo, mas o Carlos Walter Porto-Gonçalves, também da UFF, com suas pesquisas sobre o tema ambiental está bem situado enquanto referência importante da Geografia brasileira no mundo. Também há outros geógrafos que gosto muito, como a Maria Encarnação Beltrão Sposito e o Eliseu Sposito, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Câmpus Presidente Prudente (SP). Eu gosto muito do que fazem no tema das cidades no tema do planejamento. Há ainda geógrafos que se destacam como o Marcelo Lopes de Souza, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A despeito de ter lido menos sua obra, é um geógrafo com uma produção conhecida por nós. Mas, certamente o Rogério Haesbaert é o que tem uma influência mais significativa aqui. Em Portugal, por exemplo, é um geógrafo muito respeitado. Portugal abre muito as portas, e o Rogério é lido pelos geógrafos de Lisboa e do Porto, o que ajuda a difundir muito a geografia produzida por ele. Também os contatos que teve com a Doreen Massey no Reino Unido ajudou a difundir muito sua obra. Penso que ele é o geógrafo brasileiro mais influente hoje.

Estive na Universidade Federal Fluminense, estive lá ofertando um curso de pós-graduação, estive com geógrafos de distintas gerações e que fazem parte desta escola. Percebi que ali há bons geógrafos. É um bom departamento em processo de transição entre as gerações de geógrafos, porém todos excelentes e pareceram lidar bem com essa mudança.

Nós temos muitos geógrafos a nível mundial, mas o David Harvey para mim é o mais completo, o melhor entre os que estão vivos. Mas, reconhecemos que sua obra se tornou tão conhecida certamente devido o demasiado trabalho feito por grandes editoras que difundem as obras. O David Harvey lança livros a cada um ou dois anos e as editoras contribuem muito com a difusão de suas obras a nível mundial.

Eu acredito muito nos sujeitos, mas também demasiadamente nas escolas. Pois acredito que a geografia acadêmica possui estruturas. Quando falo em Geografia brasileira, por exemplo, sei que há uma estrutura por trás muito significativo. Há uma estrutura de pós-graduações distribuídos nas distintas regiões do país, dos cursos de graduação em Geografia, das associações como a ANPGE e a Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB). Há que se entender que o que está acontecendo nisto tudo, que teorias predominam em cada escola ou período. Mas, a presença dos movimentos sociais é o grande aporte da geografia brasileira. A Geografia brasileira é uma geografia que trabalha com os movimentos sociais e isso é uma de suas grandes características.

A nível mundial gosto da Geografia norte americana. A cada dois ou três anos vou ao Congresso de

geógrafos norte americanos para aprender. Primeiro porque é um evento muito aberto. Pode haver ali uma oportunidade de contactar geógrafos, pesquisas e livros. Há debate sobre riscos ambientais, uma boa geografia urbana, uma boa geografia econômica. Para mim são interessantes os temas da Geografia norte americana, pois falam muito em planejamento, muito em intervenção. Mais, inclusive, do que a britânica, a britânica para mim é predominantemente teórica. A França, a Itália e a Alemanha também são países que têm boa Geografia.

Adão Francisco. Você conhece bem a Geografia e os geógrafos brasileiros e conhece a partir de distintas escolas, conhece inclusive as diferenças entre as escolas como a da UFF que é uma escola; a da UFRJ que é outra escola; a Universidade de São Paulo (USP) outra escola; e a UNESP que possui duas escolas importantes como a de Presidente Prudente e de Rio Claro.

Rubén Gonzáles. Presidente Prudente tem três ou quatro núcleos completamente diferentes. Eu conheço todos e sei que eles são diferentes. Aqui conosco esteve o Antônio Thomaz Junior por um ano, e ele coordena um núcleo de pesquisa. Na mesma escola de Presidente Prudente há também o professor Bernardo Mançano Fernandes que lidera outro núcleo. O Eliseu coordena outro. São pesquisadores que estão em uma mesma escola de geografia, mas com núcleos de pesquisas envolvidos em distintas frentes.

No Ceará, em Fortaleza, o que mais gostei de constar é o trabalho coletivo, todos demonstraram compor um trabalho conjunto.

Adão Francisco. Sua fala diz um pouco da tensão, da diversidade e da multiplicidade que existe na Geografia brasileira.

Rubén Gonzáles. Na geografia mundial também tem essa característica. Na UGI nota-se um pouco disso. Na Índia, por exemplo, penso que há muita Geografia crítica, mas para nós chega pouco dos padrões gerais da Geografia feita na Índia. Nós sabemos que há muita tensão, estão envolvidos em estudos críticos dos agrotóxicos. Há geógrafos que fazem uma Geografia muito crítica contra o governo. Agora há conosco na UGI um geógrafo indiano do campo da geomorfologia e sabemos por ele que há um pouco destas tensões. Há que se trabalhar um pouco mais para descobrirmos melhor a Geografia na Índia.

Em África a academia é um pouco mais ortodoxa, defende muito mais o poder, sempre. Menos na África do Sul que há tensões e uma geografia crítica, há tensões significativas. Mas, de resto, o que conheço são centros acadêmicos menos críticos.

Nos Estados Unidos, no Reino Unido e na França também há muitos geógrafos críticos nas universidades, mas muito voltados ao planejamento. Na universidade norte-americana há uma Geografia que não é revolucionária, mas é crítica.

Ana Carolina. Se você fosse provocado a fazer uma síntese da Geografia brasileira, como você a enxerga? Qual é a identidade da Geografia brasileira no panorama mundial?

Rubén Gonzáles. Para mim uma identidade da geografia brasileira é o fato de ser uma disciplina absolutamente envolvida com os movimentos sociais. Isso é o que mais me impressiona. Por isso, é uma Geografia entre a teoria e os movimentos sociais. É uma Geografia que também se faz na rua. Isso realmente me chama atenção.

Eu estive em Recife, no Pernambuco, a convite do professor Claudio Ubiratan Gonçalves no contexto do Simpósio Internacional de Geografia Agrária (SINGA), e fiquei impressionado, pois no evento tinham diversas lideranças agrárias e indígenas, isso não é normal na Geografia mundial, não é comum em nenhum lugar. É a academia que sai à rua, que se move.

Ana Carolina. Bom, temos a última pergunta e acreditamos que ela pode ser bastante complexa. Vemos o contexto político complexo aqui na Espanha, muito pior no Brasil, claro, mas em ambos percebemos a ascensão de grupos fascistas, movimentos de direita e extrema direita. Como é que você interpreta tudo isso, é possível comparar estes contextos, quais as diferenças e qual o papel dos geógrafos frente à essa conjuntura?

Rubén Gonzáles. Na Europa e também nos Estados Unidos o fenômeno Trump não foi um acidente, demonstrou como a direita se radicaliza muito. Os movimentos de direita são fortes e resultou nas versões ridículas de Trump nos Estados Unidos e Bolsonaro no Brasil. Trump ao final demonstrou um grande gestor dos interesses do capital, não cobrando impostos, ao fazer subir as bolsas de valores, ao defender a classe social privilegiada frente às situações que os ameaçam. Trump demonstrou-se defensor da identidade branca frente ao resto nos Estados Unidos. Todas as vezes que vou aos Estados Unidos observo a entrada de milhares e milhares de migrantes. Diante disso emerge nos trabalhadores brancos uma sensação de medo e ameaça frente constantes. É uma situação que também pode ser percebida na França com a entrada de trabalhadores migrantes. Frente a isso surgem movimentos reacionários. Na França a situação é complexa com Marine Le Pen, da direita radical. O movimento de ultradireita que ele mobiliza para si na França é complexo e problemático. Apresenta riscos. O mesmo passa na Hungria. Porém, acredito que está um pouco estancado na Europa. Na Itália ganhou a centro-esquerda. Também há muita reação frente a isso e há tradição de democracia. Penso que está estabilizado.

Me preocupa mais casos da América Latina, pois na América Latina o sistema democrático não está tão bem estruturado. Logo, pode surgir e surge, de fato, ameaças às instituições democráticas com poder de desestabilizá-las. Bolsonaro, por exemplo, é perigoso na medida em que tenta se reproduzir no poder. E isso é um problema muito sério. Mas, eu penso que a América Latina volta a estar na mesma situação que há 20 anos, com possibilidade da esquerda ser hegemônica, especialmente devido os problemas sociais, as imensas desigualdades sociais. Frente a isso a esquerda oferece um programa social para

enfrentar essa situação. Do contrário, a América Latina pode fraturar-se diante de problemas muito fortes que fazem parte de sua realidade social, as situações de exploração de trabalho muito evidentes e dramáticas.

Ana Carolina. Há também um movimento de compreensão de história mundial da classe trabalhadora, das lutas por direitos.

Rubén Gonzáles. Na Europa é muito forte a memória das lutas da classe trabalhadora. Os sindicatos foram fundamentais para se entender a Europa atual. A Europa atual não é possível ser compreendida sem o movimento sindical. O movimento sindical a partir do século XX foi fundamental para que os trabalhadores garantissem direitos. Hoje há desemprego, mas se o trabalhador é contratado, direitos precisam ser garantidos. Então o tema aqui o tema de férias remuneradas, o dinheiro que o Estado deve gastar no sistema de saúde pública e no sistema de segurança social. No caso da saúde pública tem que ter investimento, se uma pessoa tem que transplantar um coração ele tem que ter a disposição um hospital público onde pode fazê-lo.

No Brasil os avanços neste sentido foram fundamentais nos governos de Lula e Dilma. Houve avanços na garantia de direitos dos trabalhadores, do acesso à terra e a políticas públicas para a classe trabalhadora. Mas, percebemos que nos últimos anos houve retrocessos. E agora é fundamental que se retome a garantia dos direitos dos indígenas, dos camponeses e da classe trabalhadora.

Adão Francisco. Nós o agradecemos em nome da ANPEGE. Nós temos um interesse muito grande em compreender a Geografia mundial participando dos distintos espaços de interlocução. Obrigado!